



Universidades Lusíada

Cruz, Francisco Ramos da

22 anos depois : o que aconteceu à teoria do “choque de civilizações” de Samuel Huntington?

<http://hdl.handle.net/11067/2956>

<https://doi.org/10.34628/0r7x-e113>

Metadados

Data de Publicação	2015
Resumo	Após a decepção com as enganadoras esperanças de paz saídas do final da Guerra Fria, várias teorias se perfilaram para explicar por que razão a conflitualidade global, em vez de diminuir, aumentou. Entre essas teorias, uma das mais célebres é a do «choque de civilizações», enunciada por Samuel Huntington. Este estudo analisa a génese e o desenvolvimento das ideias de Huntington e argumenta pela existência de uma base racial da sua teoria determinista das civilizações, inserindo-a na longa «histó...
Palavras Chave	Política internacional - 1989, Política internacional - Século 21, Geopolítica, Huntington, Samuel Phillips, 1927 - Crítica e interpretação
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 12 (2015)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-06-23T03:26:55Z com informação proveniente do Repositório

22 ANOS DEPOIS:
O QUE ACONTECEU À TEORIA DO
“CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES” DE SAMUEL HUNTINGTON?

Francisco Ramos da Cruz
cruz.areias@gmail.com

Se existir uma próxima Guerra Mundial, ela será travada entre civilizações.

Huntington 1993, 39.

Resumo: Após a decepção com as enganadoras esperanças de paz saídas do final da Guerra Fria, várias teorias se perfilarão para explicar por que razão a conflitualidade global, em vez de diminuir, aumentou. Entre essas teorias, uma das mais célebres é a do «choque de civilizações», enunciada por Samuel Huntington.

Este estudo analisa a génese e o desenvolvimento das ideias de Huntington e argumenta pela existência de uma base racial da sua teoria determinista das civilizações, inserindo-a na longa «história do Outro».

Comprova também a falência das suas teses na situação política global do momento presente.

Palavras-Chave: Guerra Fria; Choque de Civilizações; Samuel Huntington; Eurocentrismo; Islamismo.

Abstract: The clash of civilizations by Samuel Huntington - Still actual or outdated?

Key-words: Cold War, Clash of Civilizations, Huntington, Eurocentrism, Islamism.

PRÓLOGO: AFINAL O QUE CORREU MAL?¹

O célebre estudioso búlgaro Tzvetan Todorov comentou como o fim da Guerra Fria nos anos 90 lhe parecia anunciar um novo ciclo de paz para o mundo, e em particular para os europeus:

A guerra seria substituída por negociações; uma nova ordem mundial seria estabelecida, mais pacífica do que o anterior mundo da Guerra Fria. [...] Bastaram pouco mais de vinte anos para termos de reconhecer que esta esperança era ilusória; não parece que a tensão e a violência entre os países vá desaparecer da História. O grande confronto entre o Leste e o Ocidente relegara para segundo plano várias instâncias de hostilidade e confronto que depressa começaram a reemergir.²

São muitas as tentativas de explicação para «o que correu mal» a estas esperanças. Previsivelmente, dada a sua formação de base marxista, o pensador búlgaro avançou causas económicas para a nova conflitualidade internacional: para ele, trata-se de um *choque de cobiças*. Entre os esforços alternativos de teorização mais conhecidos que foram sendo avançados, certamente se encontra o de Samuel Huntington (1927-2008), professor de Harvard e de Columbia e conhecido ideólogo das relações internacionais: a sua tese ficou conhecida com o nome de *choque de civilizações*, expressão que ele tomou do arabista Bernard Lewis.³

¹ Francisco Cipriano Ramos da Cruz é licenciado em Relações Internacionais pela Universidade Independente de Lisboa, é pós graduado em multiculturalismo. Mestre em Estudos Coloniais e Pós-Coloniais e doutorando em História, Estudos de Segurança e Defesa no ISCTE -IUL / Academia Militar. Professor assistente na universidade independente de Angola. Formador em cursos regionais certificado pela SADC Observador eleitoral em vários países da SADC especialmente o Zimbábue.

² «War would be replaced by negotiation; a new world order could be established, more peaceable than the previous world of the Cold War. [...] Only twenty or so years later, it has to be admitted that this hope was illusory; it does not seem that tension and violence between countries will disappear from world history. The great confrontation between East and West had relegated various kinds of hostility and opposition to the background: these soon started to re-emerge», TODOROV 2010, 1-2.

³ LEWIS 1990, 60.

Antes de enunciar esta sua tese sobre as relações internacionais contemporâneas, Huntington era um quase desconhecido que tinha tido uma carreira discreta de conselheiro de ditaduras (Brasil) e do regime de *apartheid* da África do Sul. Nessa qualidade de *advisor* americano para os governos desses países, ele colocara-se do lado conservador e defendera uma grande moderação nas futuras aberturas democráticas. Em 1970, com o seu colega Warren Demian Manshel, Huntington fundou e dirigiu a revista *Foreign Policy*, de cuja direção saiu em 1977.

Em 1991, Huntington estava ainda muito longe dos “choque das civilizações” e ocupava-se num livro seu a explicar como o 25 de abril de 1974 em Portugal tinha dado origem, involuntariamente é certo, a uma vaga de democratizações em cerca de 30 países durante as décadas de 70 e 80.⁴

Só em 1993, dois anos depois da intervenção armada americana de 1991 no Koweit e no Iraque, Huntington surgiria com a enunciação da sua teoria do choque de civilizações em dois textos, primeiro um artigo publicado no n.º 72 da revista *Foreign Affairs*, que tinha ainda uma enunciação hipotética e interrogativa: «The Clash of Civilizations?» e três anos depois o ponto de interrogação seria abandonado na reformulação posterior, em livro, de 1996.

Apenas depois do 11 de setembro de 2001 é que Huntington passou a ser considerado um vaticinador que previra este acontecimento e o seu livro encontrou uma enorme audiência e recetividade com o patrocínio da Administração Bush; porém, esses dois textos de 1993 e 1996 não eram uma *previsão*, eram já uma constatação obtida pós-evento, ou seja, após a Guerra do Golfo, constituindo esta sim o início de toda uma série de confrontações até ao presente.

A tese era sedutora pelo seu simplismo e perigosa por pretender “explicar” o fenómeno da conflitualidade em termos de *necessidade*. Partindo da identificação entre o “Ocidente” e o cristianismo, Huntington defendia no seu artigo de 1993, desenvolvido depois no livro que publicaria em 1996, que o conflito entre o que ele chama Ocidente e o Islão havia sempre ocorrido desde a origem deste último, portanto há 13 séculos, o que provaria a incompatibilidade entre as duas visões do mundo, a islâmica e a “ocidental-cristã”.⁵ Essa luta contra o islão era agora liderada pelos Estados Unidos como herdeiros da Europa, e esta era encarada como uma entidade cultural e religiosa homogénea, visão por ele obtida contemplando mais o segmento da Europa do Norte do que a do Sul, ou da que gravitara em torno do Império Otomano.

Huntington argumentava que esta era uma espécie de “quarta fase”

⁴ HUNTINGTON 1991.

⁵ Huntington não refere o facto de Portugal, enquanto Estado cruzado, ter dado um enorme contributo para o início da era moderna com a viagem de Vasco da Gama: CLIFF 2011. A estratégia portuguesa de abrir a rota circum-africana para o Oriente destruiu o monopólio islâmico sobre o lucrativo comércio euroasiático e privou os intermediários muçulmanos dos imensos recursos que lhes advinham desse comércio (e de caminho também as cidades-estado italianas com Veneza à cabeça, que iriam decair irremediavelmente e perder a sua autonomia, gerando a unificação da Itália 4 séculos depois).

na história dos conflitos militares. A primeira fase decorrerá desde a Paz de Vestefália e fora a guerra entre príncipes; depois, a partir da Revolução Francesa, iniciaram-se os conflitos entre povos e nações; a terceira fase começa com a Revolução Russa e trava-se entre blocos ideológicos, durando esta até ao final da guerra fria; a quarta seria entre blocos de nações e de povos pertencentes a diferentes civilizações, ou seja, seria uma *guerra entre civilizações*.

Huntington diz ainda que todos os conflitos anteriores eram *guerras internas* do Ocidente, o que sugere que ele omite da sua análise as lutas pela e contra a colonização das Américas até ao século XVIII e da África e Ásia ao longo dos séculos XIX e XX. Este é um estranho silêncio, pois estes conflitos constituíram afinal uma verdadeira *guerra mundial*, travada à escala global, enquanto as mal chamadas «guerras mundiais», foram sim meros conflitos europeus ampliados pela intervenção de estados-clientes e estados-vassalos desses mesmos europeus. Huntington confunde pois conflitos europeus com a conflitualidade universal, seu ângulo de visão é eurocêntrico para a parte histórica e totalmente americanocêntrico para o presente.

AS QUATRO IDADES DOS CONFLITOS

Huntington argumenta também que antes da *idade vestefálica* existira uma guerra de civilizações, que ele confunde com guerra de religiões:

Huntington simplesmente substituiu o choque entre ideologias pelo choque entre civilizações (leia-se religiões).⁶

As quatro fases de Huntington (que são afinal três pois a última seria a retoma da situação anterior à primeira) constituiriam um aparente e breve intervalo entre as seculares lutas de religiões já que, com algumas variantes, ele define afinal as suas atuais *civilizações* como correspondendo às antigas entidades religiosas. No início desse curto intervalo de 350 anos coloca ele a “guerra entre príncipes”, ideia pouco conforme à realidade: terão sido poucas, a existirem, as ocasiões em que as incompatibilidades pessoais ou as contendas de família tenham degenerado em autênticas guerras. Antes pelo contrário: quase sempre os soberanos tinham por detrás de si um conjunto de interesses militares e comerciais, religiosos e *nacionais*⁷ que determinavam as suas opções e ações, pelo

⁶ «[...]Huntington did so by simply replacing the clash of ideology with the clash of civilizations (read: religions)», ERIKSSON 2013, 29.

⁷ Huntington parece esquecer que a Revolução Francesa não teria ocorrido se a formação da nação francesa não a tivesse precedido em séculos. As nações, entre elas o caso português, já existiam durante a Idade Média - o que não existia era o Estado nacional, este era antes um Estado patrimonial do soberano; o exército era o seu exército pessoal e não o exército nacional, etc. Na célebre formulação do Rei-Sol: *L'état c'est moi*, «O Estado sou eu».

que a cesura iniciada em Vestefália e prolongada até à revolução francesa resulta pouco convincente.

Quanto à terceira fase, as ideologias nada mais eram do que pretextos para perseguir objetivos *nacionais* dos países que as adotavam, agora sob uma retórica ideológica que antes fora religiosa, pelo que esta divisão também não parece constituir uma verdadeira novidade neste esquema histórico.

As fases de Huntington são pois, além de simplistas, pouco consistentes: os conflitos entre civilizações (ou religiões), para além das épocas remotas onde se geraram, permaneceram sempre na História sem que pudessem ser nitidamente distinguidos ou opostos a um conflito entre *nações* e Estados ou igualmente a um conflito *ideológico*, uma vez que cada religião traz também consigo implicações sobre as diferentes formas de regular as instituições políticas e económicas e de governar uma sociedade.

O “CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES”: UM NOVO FÔLEGO PARA O RACISMO E O EUROCENTRISMO?

Huntington define o que ele considera ser “civilização”, na perspetiva da sua tese, como o mais vasto grupo de pertença humano. Ao exemplificar que um “residente” em Roma (por que razão não diz ele “um natural de Roma”?) irá identificar-se primeiro como romano, depois como italiano, católico, cristão, europeu e ocidental,⁸ ele omite uma categoria que logo se evidencia nas conversas do homem da rua: a de “branco”, ou “ariano”, ou “caucasiano”. E é este silenciamento da variável outrora denominada *racial* que nos faz refletir sobre se Huntington não a omite precisamente porque ela se apresenta subliminarmente no seu estudo. Ele reconhece 7 ou 8 grandes civilizações, a ocidental, a confuciana, a japonesa, a islâmica, a hindu, a eslava-ortodoxa (a que depois chamará somente Ortodoxa para nela incluir a Grécia e a Roménia), a Latino-Americana e *possivelmente* (a dúvida de Huntington é significativa) a africana. Não só a definição de civilização é pobre em Huntington, mas ela é também equívoca: estas civilizações são, além de religiões, entidades raciais que há cem anos atrás seriam identificadas como sendo a ariana, a do grupo mongol (compreendendo duas das civilizações de Huntington), a dos semitas, a dos arya-dravídicos, a dos eslavos, a dos índios e a dos negros. As *civilizações* religiosas de Huntington têm pois uma iniludível e indisfarçada base racial, elas são mais *raças* do que *civilizações*.

Precisamente pela sua base racial, mal disfarçadamente biológica, a teoria do choque de civilizações é uma teoria DETERMINISTA e CULTURALISTA que atribui um papel absoluto às culturas nas relações internacionais de

⁸ Ao diferenciar católico como subgrupo dos cristãos, Huntington adota aqui uma ótica protestante, pois os primeiros tendem a equacionar uma identidade a outra: eles consideram-se cristãos e por isso católicos, mais do que “católicos e por isso cristãos”, como os vê Huntington.

forma prefixada e irreversível. No seu texto de 2000, Huntington enuncia este determinismo cultural para explicar o salto qualitativo da economia sul-coreana face à ganesa, que trinta anos antes, nos inícios da década de 60, ostentara os mesmos indicadores macroeconómicos:

Os sul-coreanos valorizam uma vida frugal, investimento, trabalho sério, educação, organização e disciplina. Os ganeses têm valores diferentes. Resumindo, as culturas contam.⁹

Ao fazê-lo, Huntington não tem em conta que as culturas são entidades abstratas e sujeitas a permanente mudança. O seu conceito de cultura é essencialista como qualquer conceito enraizado em bases raciais.

Ao traçar as suas fronteiras entre civilizações sobre linhas de separação (*fault lines*) outrora tidas por *raciais*, a tese de Huntington insere-se e atualiza uma longa história da discriminação do Outro. Na origem dessa discriminação esteve a linguística: o outro era o *bárbaro*, que falava uma língua opaca que o homem greco-romano não entendia (*bar-bar...*), mas que tinha além disso costumes “bárbaros”, opostos aos dos civilizados. Depois criou-se o *infiel*, que com o estigma da sua traição havia *trocado* o cristianismo romano e bizantino pelo islão. Mais tarde chegaria o *selvagem*, o homem do instinto, incapaz de aceder por si só às verdades do Evangelho (sem a missionação) ou às luzes da Razão (entretanto descobertas tardiamente pelo Iluminismo); por fim gerou-se o tipo *inferior*, as raças «menos dotadas» para a vida civilizada, tal como foram tipificadas e catalogadas pela ciência racial europeia do século XIX.

A tese de Huntington não é linguística, nem religiosa, nem iluminista: é (*ainda e simplesmente*) *uma tese racial*, que afirma a perpetuidade e inevitabilidade do conflito entre as *raças* disfarçadas em *civilizações*. E que as *civilizações* para Huntington são entidades raciais comprova-o o próprio facto de ele separar do Ocidente a América do Sul, onde o elemento andino e ameríndio tem uma certa predominância. Ainda mais o comprova o isolamento a que, dentro das Américas, ele vota o grupo afro-caribenho, ou o facto de considerar único o Estado de Israel, ainda que a civilização desse país, na sua opinião, dificilmente se distinga da ocidental.¹⁰

Quando Huntington nos diz que a antipatia dos japoneses pelos americanos é, do lado americano, cultural e não racial,¹¹ a evidência é que a discriminação *cultural* disfarça a *racial*. A hostilidade do francês *de souche* perante o magrebino ex-colonizado seria «apenas» cultural para satisfazer a hipocrisia do *politicamente correto*, mas o preconceito racial subsiste sob essa nova terminologia «étnica»:

⁹ HUNTINGTON 2000.

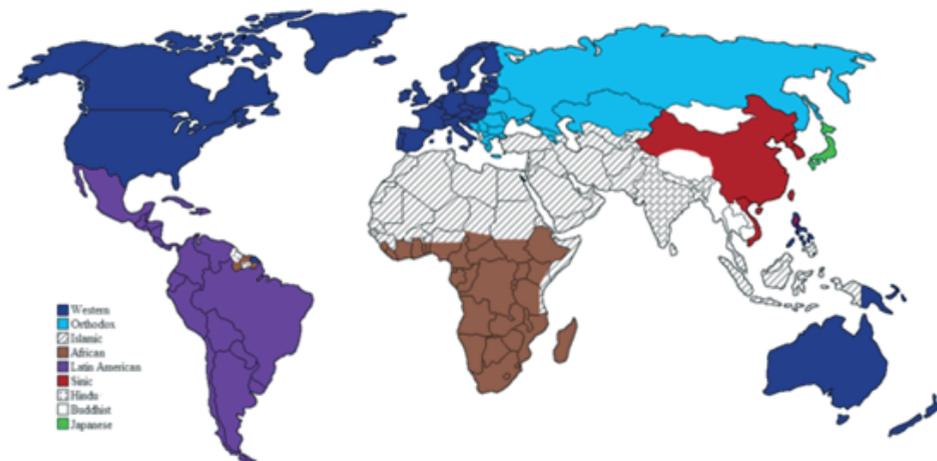
¹⁰ HUNTINGTON 2009, 53.

¹¹ HUNTINGTON 1993, 34.

O racismo contemporâneo no Ocidente, especialmente na Europa, nasce mais do desprezo pela diferenças culturais, como no caso do Islão, do que na tradicional aparência física, baseada na biologia. E isto explica a expansão da islamofobia.¹²

Menos de um século antes, essa antinomia seria facilmente *explicada* pelo «conflito milenar» entre *arianos* (europeus) e *semitas* (árabes)... Conclui-se que Huntington recupera a velha tese do *choque de raças*, disfarçada agora sob a retórica do *choque de civilizações* ou de religiões.

Por fim, apesar de considerar como civilizações os grupos *raciais* sínico e nipónico (este último de raiz altaica), consideradas subdivisões dentro do tronco mongol, recusa-se, para surpresa de muitos, a conceder este estatuto ao budismo¹³ – que não só não é exatamente uma religião como é o grupo menos racialmente adscrito ou definível, ainda que com qualquer outro critério extrarracial se não pudesse negar ao budismo o ter construído uma das mais brilhantes e duradouras civilizações do mundo.¹⁴



Huntington não reconhece a civilização budista por esta não ter substrato racial: neste mapa ela é assinalada a branco (ou vazio), tal como os espaços marítimos não habitados.

¹² «Contemporary racism in the West, especially in Europe, is driven more by disdain for cultural identities such as Islam, rather than the traditional biologically based phenomenon, complexion. This explains the rise in anti-Muslim sentiment [...]», MURSHED 2003, 22.

¹³ HUNTINGTON 2009, 53.

¹⁴ Acresce que o budismo foi sempre uma civilização que desprezou o elemento guerreiro, pelo que não seria um bom candidato a beligerante nas guerras de religiões ou de civilizações.

SEMPRE HOUVE CONFLITO?

Huntington parece ignorar que a par desse suposto conflito milenar, que assistiu às campanhas de Alexandre o Grande, às guerras entre partos e romanos e entre estes e os sassânidas, ou mesmo entre o império islâmico e o império neopersa, houve também momentos de aproximação e de fusão entre Ocidente e Oriente, como por exemplo o período helenístico no Mediterrâneo Oriental e no Próximo Oriente, a civilização egípcia dos ptolomeus e mesmo o reino reunido de António e Cleópatra. Como lhe chamou Bénoist-Méchin, a união entre Ocidente e Oriente foi «Le rêve le plus long de l'histoire», o sonho mais longo da história. Este escritor salientou sete figuras e sete momentos charneira desse sonho: Alexandre em Babilónia, António no Egipto, o Imperador Juliano na Pérsia, Frederico de Hohenstaufen na Sicília e no Oriente, Bonaparte no Egipto, Lyautey no Norte de África e Lawrence na Arábia. Estes e outros protagonistas podem ser identificados como episódios desse *sonho*, uma vez que sempre existiu o projeto de uma fusão, a par da ideia de conflito.

SOBRE A INEXISTÊNCIA DO ISLÃO «MODERADO»

Outro dos mitos sobre o mundo islâmico propagados por Huntington e por outros é o de que existe um islão radical (o islão *mau*) e o islão moderado (o islão *bom*):

Os líderes americanos argumentam que os muçulmanos envolvidos nesta quase guerra são uma pequena minoria cujo uso da violência é rejeitado pela grande maioria dos muçulmanos moderados.¹⁵

Este termo, «moderado», é empregue de forma tão ubíqua quanto imprecisa, partindo da ausência de termo de comparação definido: o «moderado» modera o quê, em relação a quem?

Na verdade os próprios analistas que usam a expressão não sabem definir se a moderação é em relação ao anti-ocidentalismo suposto de todos os muçulmanos ou em relação ao estrito cumprimento dos preceitos corânicos. Aqui instala-se a ambiguidade, pois alguns dos países fundamentalistas, portanto *maus*, como a Arábia Saudita, são dos mais pressurosos aliados militares, políticos e económicos dos EUA, e portanto *bons*. O conceito não tem assim qualquer rigor político nem estratégico. Por outro lado, carece do seu *espelho* de reciprocidade: o que seria um cristão moderado? Ou um budista moderado?

¹⁵ «American leaders allege that the Muslims involved in the quasi war are a small minority whose use of violence is rejected by the great majority of moderate Muslims», HUNTINGTON 2009, 254.

Ironicamente, o que a América protestante critica nos fundamentalistas muçulmanos é a fidelidade aos fundamentos, aos textos mais sagrados e fundadores, ou seja, a sua réplica do protestantismo.

Geralmente, o islão wahabita exige uma interpretação estrita dos textos, mas o sufismo é muito mais moderado e aceita os sistemas democrático e a economia moderna. Há na verdade milhões de muçulmanos na Indonésia, Bangladesh, Malásia e Quirguizistão que são moderados e vivem pacificamente em conjunto com pessoas de outros credos (ainda que os media tenham feito muito alarido com o aumento da militância islâmica nestes países, a maioria dos muçulmanos que aí vivem continua a permanecer moderada.¹⁶

Para além de confundir os modernistas e reformistas com o sufismo, que não foi um movimento iluminista no Islão mas sim um misticismo, esta aproximação à questão revela a contradição da América protestante no seu juízo sobre o Islão: foram precisamente os protestantes quem, no mundo cristão, afirmaram a fidelidade única à Bíblia, o *sola scriptura* de Lutero, negando a validade de toda a tradição e de toda e qualquer modernização ou *atualização* do cristianismo. O fundamentalismo americano, as suas denominações do ramo pentecostal que recriam ideias e rituais paulinos anteriores à institucionalização e oficialização do cristianismo constantiniano, assumem-se como um regresso à pureza originária da religião, tal como o fazem no mundo muçulmano aqueles a quem os americanos consideram o seu oposto e que são, na verdade, o seu espelho.

ONDE HUNTINGTON NÃO ERROU

Há observações justas no livro de Huntington, como por exemplo a de que o Ocidente venceu o mundo não pela superioridade das suas ideias, mas sim pela superioridade da sua violência (2009, 57). Ou a de que a Europa não foi capaz de gerar nenhuma religião, mas gerou todas as ideologias, que lhe são sucedâneos.¹⁷ Por isso o declínio da hegemonia europeia, com a sua ideologia secularista, quando não agressivamente *laicista*, significa o retorno às religiões.

Temos também de reconhecer, com Huntington, que a par de outras

¹⁶ «Generally, Wahhabi Islam calls for a strict interpretation of the texts, but Sufi Islam is much more moderate and accommodating to democratic and modern economic systems. Indeed, there are hundreds of millions of Muslims in Indonesia, Bangladesh, Malaysia, and Kyrgyzstan who are moderate and live peacefully together with people of other creeds. (Although the media has made much of some increase in militant Islam in these countries, most Muslims there continue to remain moderate)», ETZIONI 484.

¹⁷ HUNTINGTON 2009, 60. Da mesma forma se poderia dizer que no Ocidente, por exemplo, a Europa gerou todas as filosofias e a América nenhuma.

motivações, e tantas vezes do realismo estratégico, podem existir solidariedades étnicas, religiosas e outras unindo os países: pan-eslavismos, panturquismos, pan-arabismos, e até *pan-anglosaxonismos*, dado que existe atualmente um clube de cinco países, considerados *settlers societies*,¹⁸ formado pelos EUA, o Reino Unido, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, países onde minorias brancas e anglo-saxónicas alcançaram a supremacia pelo domínio sobre as populações nativas, muitas vezes obtido à custa do seu genocídio («eficazmente aniquiladas», diz Huntington),¹⁹ numa espécie de colonialismo «bem-sucedido» que as deixou imunes às descolonizações. Este clube dos cinco países de cultura idêntica, ainda que com disparidades económicas e populacionais, coopera no terreno da inteligência (os chamados “cinco pares de olhos”), uma tarefa que exclui outros aliados americanos como por exemplo os sul-africanos ou os alemães. A base da solidariedade entre este grupo num tema tão sensível como o da espionagem é precisamente a solidariedade racial e cultural, mais do que a económica ou qualquer outra. Mas estas solidariedades não constituem por si só um bloco e os EUA despendem um terço da sua ajuda internacional com Israel que, como se sabe, é composto por populações diferentes das anglo-saxónicas.

Huntington observa justamente que os fundamentalismos em todas as religiões são uma resposta à globalização e à homogeneização das identidades, sendo uma *defesa natural* (também em sentido quase-biológico) das culturas quando se sentem ameaçadas.²⁰ É uma reação contra a intrusão, que é classificada como tal pelo seu DNA cultural alienígena, visando expelir o invasor do corpo-organismo de uma determinada cultura.²¹

A propósito de um outro livro de Huntington, desta vez sobre a «ameaça mexicana» de conquista de partes do EUA,²² Etzioni põe-nos de sobreaviso quanto à seriedade dos propósitos do cientista político de Harvard: a sua produção insere-se num tipo de obras que, se bem que para o público leigo possam parecer fundamentadas e rigorosas, na realidade, porém, apesar de terem...

¹⁸ «H[untington] defines himself as a settler, not as an immigrant. Settlers, white and Protestant, are those who fashioned the “true” America and controlled it. This control indeed has and is being undermined by immigrants», ETZIONI 2005, 485. «Settler» é traduzível por «colono». O projeto de criar cidadãos de primeira e de segunda (isto quando os imigrantes chegam a ser cidadãos...) tende a ser posto em prática pelos governos dos países que reprimem a imigração, grupo no qual se incluem quase todos os Estados atuais, levando à *condominização* do globo, onde as pessoas são virtualmente prisioneiras do Estado onde nasceram, o que contraria os artigos 13.º-2 e 15.º-2 da *Declaração universal dos direitos do Homem* de 1948.

¹⁹ HUNTINGTON 2009, 51.

²⁰ HUNTINGTON 1993, 26.

²¹ Isto ocorre quando um certo número de ideias são detectadas como exteriores e como estranhas a uma dada cultura; um exemplo muito comentado é o facto de a palavra «democracia» não ter correspondência em árabe. Mas também não a tem em inglês que, tal como o árabe, é forçado a usar o termo original grego, sendo que apenas em latim encontra alguma distante correspondência em *res publica*.

²² HUNTINGTON 2004.

[...] a aparência de académicas, elas na verdade concitam, reforçam e legitimam diversos tipos de preconceito. Algumas destas obras [...] refletem vários sentimentos 'anti-' - anti-negros, anti-mexicanos (e mais amplamente imigrantes) [é o caso de HUNTINGTON 2004], ou antimuçulmanos (e mais geralmente estrangeiros) [o caso de HUNTINGTON 1993 e 1996][...].²³ Muitos académicos caíram no erro de tratar *O Choque das Civilizações* como se ele fosse um texto aceitável e erudito [...].²⁴

Na realidade, pelo seu enorme impacto na opinião pública, os textos de Huntington, apesar das suas fraquezas de argumentação, têm de ser levados a sério e contestados. As suas teorias serviram aos grupos anti-islâmicos no Ocidente para legitimar a perseguição aos muçulmanos (controle das fronteiras, das comunicações, vigilância e restrições aos locais de culto e reunião, etc.) e também para pretexto de combate aos grupos radicais no mundo islâmico que igualmente pregam uma *guerra de civilizações* com o Ocidente e que subscrevem as ideias de Huntington sobre a sua necessidade. Apesar do pouco valor científico do seu trabalho, Huntington era professor de Ciência Política em Harvard, instituição reputada como sendo uma das melhores universidades do mundo. É verdade que ele foi expulso daquela instituição em 1959 mas foi convidado a nela reingressar em 1963, levando-nos a concluir que a qualidade de uma instituição académica que (re)acolhe e promove um *provocador* como Huntington poderá ser mais um mito do que uma realidade substantiva, pelo menos neste campo específico da politologia.

AS TESES DE HUNTINGTON E A SUA EXPERIMENTAÇÃO NO TERRENO

A proposta teórica de Huntington supõe uma diminuição ou secundarização da conflituosidade entre Estados pertencentes a uma mesma civilização.

O atual conflito na Ucrânia compromete o choque de civilizações de Huntington; por mais que ele insista que uma parte deste país é católica, trata-se de uma minoria em torno dos 5% da população; a guerra Rússia/Ucrânia vem comprovar que é dentro da mesma civilização, com identidade de ideias, costumes, família linguística, crenças e passado comum, que as confrontações continuam a sobretudo a ocorrer. É claro que quando Huntington colocou por escrito as suas teses, em 1993 e 1996, uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia era

²³ «[...]volumes that look like works of social science and have the appearance of scholarship but actually appeal to, reinforce, and help to legitimate one form of prejudice or another. *Some of these works [...] reflect various anti-feelings - anti-Black, Mexican (and more generally immigrants), or Muslim (and more generally foreigners) [...]*», ETZIONI 2005, 477.

²⁴ «Many scholars fell into the trap of treating *The Clash of Civilizations* as if it were a standard, scholarly text [...]

então impensável, e Huntington considerara já ultrapassada a conflitualidade entre estes países²⁵ que, no entanto, regressou com força inaudita. Dentro de uma mesma civilização eslava a guerra estava consumada, tendo o futuro demonstrado que Huntington estava errado.

E que dizer dos conflitos entre a Síria e o Estado Islâmico, o Iraque e o Estado Islâmico, os curdos e o Estado Islâmico? Quem mobilizou o Ocidente para o terreno contra o Estado Islâmico foi o governo iraquiano, quem o combate no terreno são os curdos, os estados do Golfo e o Irão. Onde está aqui o choque das civilizações? Estes não são conflitos intercivilizacionais, mas intracivilizacionais:

Isto parece aplicar-se especialmente à civilização islâmica. Tal como Huntington invoca, ele também concluiu que ‘as fronteiras do Islão são sangrentas, assim como são sangrentos os seus interiores’. Mas se os estados islâmicos lutam contra outros estados islâmicos e não-islâmicos com a mesma frequência, as diferenças entre civilizações não podem ser invocadas para explicar os seus conflitos interestatais.²⁶

Ou seja, também estes conflitos atuais desmentem a tese de que depois da Guerra Fria os conflitos teriam tendência para se desenrolar entre civilizações.

Podemos concluir como o faz Oneal:

A resposta de Huntington reconhece que ‘através da maior parte da História a maioria das guerras têm sido intracivilizacionais’ e que ‘este continua a ser o caso agora’. Mas então onde está o choque de civilizações?²⁷

Os exemplos extraídos dos acontecimentos mais recentes bastam para provar que a divisão por civilizações é aleatória para as guerras do presente. Pelo contrário, o que nos parece ser o maior foco de tensão no mundo Pós-Guerra Fria são as lutas intracivilizacionais, intrarregionais e mesmo intracomunais.

Nós, angolanos, sabemos do que falamos quando argumentamos que as guerras civis são sempre as mais virulentas: tivemos uma guerra longuíssima em que os dois lados estavam do mesmo lado da civilização, do mesmo lado da cultura e até usavam a mesma língua e praticavam a mesma religião. Talvez tenha sido isso mesmo que acendeu mais ainda o conflito.

²⁵ HUNTINGTON 1993, 38.

²⁶ «This seems to be true of the Islamic civilization in particular. As Huntington reminds us, he, too, has concluded that ‘Islam’s borders are bloody, and so are its innards’. But if Islamic countries fight Islamic and non-Islamic countries with roughly the same frequency, civilizational differences cannot be invoked to explain their interstate conflict», Oneal 2000, 612.

²⁷ «Huntington’s reply concedes that ‘throughout much of history most wars have been intracivilizational’ and that this ‘continues to be the case today’. Where then is the clash of civilizations?», Oneal 2000, 612.

O mundo islâmico está hoje na situação do mundo romano dos finais do Império do Ocidente – convencido da superioridade da sua civilização e da sua religião e desesperado pela sua inferioridade bélica. À medida que os outros povos vão apertando o cerco às terras do islão e vão recolonizando os seus países, a esperança de redenção política torna-se messiânica e devota. Foi o que aconteceu aos romanos do século IV e V: a religião tornou-se a política e a política, religião. Ainda assim, isto não confirma as teses de Huntington: a explosão dos atuais conflitos permanece alheia a solidariedades intracivilizacionais: os muçulmanos estão mais divididos entre si do que em oposição ao exterior, como os romanos lutavam mais internamente contra as heresias e secessões do seu Império do que contra os povos que lhes ameaçavam as fronteiras. As guerras continuam a ser, ontem como hoje, mais choques de interesses e de pragmatismos do que de mundividências e de ideais.

BIBLIOGRAFIA

- BARKER, J. Paul, ed. (2013) *The Clash of Civilizations Twenty Years On*, Bristol, UK: E-International Relations.
- CLIFF, Nigel (2011) *Holy War, How Vasco da Gama's Epic Voyages turned the tide in a centuries-old clash of Civilizations*, New York: Harper.
- ERIKSSON, Johan (2013) 'The 'Clash of Civilizations' and Its Unexpected Liberalism', in BARKER, J. Paul, ed., 28-30.
- ETZIONI, Amitai (2005) 'The Real Threat: An Essay on Samuel Huntington', *Contemporary Sociology* 34 (5), 477-485.
- HUNTINGTON, Samuel P. (1991) *The third wave: democratization in the late twentieth century*, Norman: University of Oklahoma Press.
- HUNTINGTON, Samuel P. (1993) 'The clash of civilizations?', *Foreign Affairs* 72(3), 22-49.
- HUNTINGTON, Samuel P. (1996) *The clash of civilizations and the remaking of World Order*, New York: Simon & Schuster.
- HUNTINGTON, Samuel P. (2000) 'Cultures Count', in Lawrence E. Harrison and Samuel P. Huntington, eds., *Culture matters: how values shape human progress*, New York: Basic Books, XIII-XVI.
- HUNTINGTON, Samuel P. (2004) *Who Are We? The Challenges to America's National Identity*, New York: Simon & Schuster.
- LEWIS, Bernard (1990) 'The Roots of Muslim Rage', *The Atlantic Monthly* 266 (3), 47-60.
- MURSHED, SYED MANSOOB (2013) 'The Crescent and the Cross', in BARKER, J. Paul, ed., 20-27.
- ONEAL, John R. and Bruce M. RUSSETT (2000) 'A Response to Huntington', *Journal of Peace Research* 37-5, 611-612.
- TODOROV, Tzvetan (2010) *The fear of barbarians: beyond the clash of civilizations*, trans. by Andrew Brown, Chicago: The University of Chicago Press.